

A luz do evangelho nas águas do Rio Amazonas: protestantes em Belém e Manaus no final do século XIX e começo do século XX

The light of the gospel on the waters of the Amazon River: protestants in Belém and Manaus in the late 19th and early 20th centuries



<https://doi.org/10.23925/ua.v28i45.e67798>

César Aquino Bezerra¹

Resumo: Amparado numa revisão bibliográfica de autores que estudam a Amazônia e suas religiosidades, este artigo analisa o estabelecimento das primeiras denominações protestantes na Amazônia brasileira, especificamente em Belém, Pará, e Manaus, Amazonas, entre o final do século XIX e o começo do século XX, a partir de missionários estrangeiros, principalmente norte-americanos. Os primeiros missionários, pastores e suas igrejas tomam o rio Amazonas como caminho para pregar sua mensagem nas duas principais cidades da região, ainda no contexto da economia da borracha. Assim, neste artigo, vemos metodistas (década de 1880), batistas (década de 1890), presbiterianos (década de 1890), anglicanos (década de 1910), adventistas (década de 1920) e pentecostais (década de 1910) levando a “luz do Evangelho” na Amazônia. Além disso, discutimos a tentativa da Igreja Católica de manter sua hegemonia, ainda que demore a apontar para a Amazônia, e terminamos com uma discussão sobre o crescimento dos evangélicos amazônicos, fazendo a região Norte ter algumas das maiores porcentagens de população evangélica do país.

Palavras-chave: Protestantismo na Amazônia; missionários; crescimento evangélico.

¹ Doutorando e Mestre em História, Universidade Federal do Amazonas, Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM),  0000-0001-5116-5110 cesaraquinobezerra@gmail.com.

Abstract: Based on a bibliographical review of authors who study the Amazon and its religiosities, this article analyzes the establishment of the first Protestant denominations in the Brazilian Amazon, specifically in Belém, Pará, and Manaus, Amazonas, between the end of the 19th century and the beginning of the 20th century, based on foreign missionaries, mainly from the United States. The first pastors and their churches took the Amazon River as a route to preach their message in the two main cities of the region, still in the context of the rubber economy. Thus, in this article, we see Methodists (1880s), Baptists (1890s), Presbyterians (1890s), Anglicans (1910s), Adventists (1920s) and Pentecostals (1910s) taking the "light of the Gospel" to the Amazon. We also discussed the Catholic Church trying to maintain its hegemony, even if it takes time to point to the Amazon, and we ended with a discussion about the growth of Amazonian evangelicals, making the North region have some of the highest percentages of evangelical population in the country.

Keywords: Protestantism in Amazon; missionaries; evangelical growth.

1 Introdução

A profunda ligação da Amazônia com o cristianismo é resultado de uma longa conquista espiritual (REIS, 1942), e em consequência disso a historiografia tem escrito sobre o catolicismo nesse território, evidenciando essa presença iniciada nos dias coloniais. Contudo, nos últimos anos, a entrada de agentes protestantes e suas dinâmicas no campo religioso, especialmente no caminho entre Pará e Amazonas, tem sido investigada por várias pesquisas científicas, como demonstram os autores que sustentam a revisão bibliográfica deste artigo; da mesma forma, tem se buscado compreender a importância do protestantismo para as reconfigurações da Igreja Católica na Amazônia.

Muito se transcorreu desde 1839, quando o missionário Daniel Kidder registrou a realização do primeiro culto protestante na Amazônia (BEZERRA, 2023), contudo inúmeras lacunas permanecem abertas aos pesquisadores de várias áreas sobre o crescimento dos cristianismos no Norte do Brasil. Diante disso, argumentamos a necessidade de historicizar esse processo, pois como discutimos antes, quando da aceleração do processo de integração da Amazônia ao país, nos anos 1960, inúmeros espaços da região amazônica tinham uma fraca – ou mesmo nula – presença protestante, como era o Baixo Amazonas, no estado do Amazonas, espaço privilegiado de nossa dissertação (BEZERRA, 2022).

A justificativa de estudos, tal como a dos outros autores aqui discutidos, ultrapassa entender como as igrejas protestantes, evangélicas e pentecostais² alcançaram parcelas cada vez maiores da população nessa região (ALVES et al. 2017). Segundo Gaia e Reis (2019), para se conhecer a história da Amazônia é preciso também conhecer a história da

2 Esses termos costumam ser usados como sinônimos e/ou aglutinados na categoria evangélicos. Contudo, Antônio Gouvea Mendonça (2005, p. 50), um dos principais pesquisadores do protestantismo no Brasil, afirma que tal conceito não é adequado devido a “[...] diversidade confusa do campo religioso brasileiro [...] a não ser para aqueles que, mesmo trabalhando com categorias científicas, insistem em colocar sob a mesma categoria todos os grupos cristãos não-católicos”. Silva, Santos e Almeida (2011) também argumentam que algumas das diversas classificações são próprias apenas dos teóricos, enquanto os praticantes dessas religiões podem se identificar com mais de uma e as usar de forma intercambiável. Por fim, dado nosso recorte inicial com o protestantismo histórico, e ainda com a bibliografia, optamos por usar o termo protestante, inserindo depois os pentecostais como algo novo no campo religioso regional. Ver o primeiro capítulo de Bezerra (2022), onde refletimos sobre o que é o protestante e a influência da mentalidade norte-americana a guiar as missões, além da chegada dos protestantismos ao Brasil no século XIX, as tensões e parte de seu desenvolvimento.

presença do protestantismo na região, e é reconhecendo esses espaços do conhecimento, que tomamos como recorte neste artigo, a partir do primeiro capítulo de nossa dissertação (BEZERRA, 2022), o estabelecimento de denominações do chamado protestantismo histórico e o início do pentecostalismo entre Belém e Manaus, nas últimas décadas do século XIX e primeiras do século XX, período de crescimento das capitais em meio à economia da borracha (DIAS, 1999; SARGES, 2000).

Por intermédio de uma revisão bibliográfica, analisaremos a entrada das principais igrejas nessas capitais. Apesar da oposição católica, inevitavelmente, missionários estrangeiros metodistas, batistas, presbiterianos, anglicanos, adventistas e pentecostais atravessaram as águas para levar “a luz do Evangelho” para toda a Amazônia, estando todos estabelecidos até o final dos anos 1920. Nessa discussão, não podemos esquecer que a Igreja Católica tentou manter sua hegemonia, ainda que pareça demorar a apontar para a Amazônia. Ao fim, aquelas primeiras igrejas se expandem e colaboram a tornar o norte do Brasil a região com maior crescimento protestante/evangélico no país.

2 Missionários protestantes Viajam o Amazonas

Há séculos, o território amazônico tem sido desejado por estrangeiros, conquistadores tanto materiais quanto espirituais. Todos, independente de suas regiões de origem, contrastaram aquilo que era mítico e imaginado com a realidade. Conforme João de Jesus Paes Loureiro,

São muitos os que percorrem a Amazônia, tanto literal como metaforicamente. Em diferentes épocas, sob perspectivas diversas e em distintas linguagens, percorrem a floresta e o rio, a realidade e o mito, em busca do desconhecido, inextricável. Em suas narrações, científicas, filosóficas e literárias, empenham-se em classificar o que é, o que teria sido e o que poderá ser essa região, uma espécie de reserva ecológica de todo o mundo, uma invenção poética de todo o mundo (LOUREIRO, 2015, p. 25).

Na interpretação de Soldati Reis,

É nessa “reserva ecológica” (literal e metafórica), que os evangélicos e evangélicas começam a aportar, permanentemente, a partir da segunda metade do século XIX, vindo das mais diferentes regiões, principalmente da Europa e Estados Unidos, no caso dos protestantes e, na segunda década do século XX, como resultado de uma autoctonia amazônica, caso dos pentecostais assembleianos. Assim, os evangélicos e evangélicas, retomando os termos de Paes Loureiro, também construíram e constroem suas errâncias, percorrendo as realidades e criando suas mitologias acerca do desconhecido, do trágico e do sublime (REIS, 2016, p. 77-78).

Apontamos anteriormente (BEZERRA, 2022; 2023), o contexto da segunda metade do século XIX, quando da entrada dos primeiros missionários não-católicos, com a abertura do rio Amazonas para a navegação internacional, a expansão da economia gomífera e o crescimento das capitais. Nesse contexto de transformações, em que muitos estrangeiros se estabeleceram no Norte do Brasil, Belém e Manaus atraem as atenções. Vimos como Daniel Kidder (em 1839), Robert Nesbit (de 1857 a 1858), Richard Holden (de 1860 a 1862), Justus Nelson (de 1880 a 1925) e Marcus Carver (de 1886 a 1908), são interpretados como os primeiros missionários enviados dos Estados Unidos com interesses proselitistas (BEZERRA, 2023). São “os primeiros passos do Protestantismo na Amazônia” (OLIVEIRA; PINTO, 2017). É nesses passos “que percorrem [a Amazônia] tanto literal como metaforicamente” (LOUREIRO, 2015, p. 25), enquanto “construíram e constroem suas errâncias, percorrendo as realidades e criando suas mitologias acerca do desconhecido, do trágico e do sublime” (REIS, 2016, p. 78), que os protestantes adentraram o rio Amazonas, conhecendo seus afluentes e cidades, levando a luz do Evangelho³.

Assim, importa definir que nosso recorte da entrada protestante é o rio Amazonas, ou seja, missões que navegam no trecho Belém-Manaus e seus afluentes. Isso não significa que outras igrejas e missionários não tenham se estabelecido em outros espaços da Amazônia

3 Apropriamo-nos da narrativa de um colaborador da dissertação, o qual recorda que nos anos 1960, a área do Baixo Amazonas ainda não tinha igrejas em funcionamento, nem mesmo missas; logo, faltava aos moradores a “luz do Evangelho”. Ver: Bezerra, 2022.

oitocentista; temos como exemplo a presença anglicana no rio Purus, entre as décadas 1870-80, analisada nas teses de Link (2016) e Cardoso (2018). Nesse sentido, a óbvia atração das riquezas da Amazônia também significava espaço para o avanço religioso, pois os estrangeiros “estavam incorporados pela ideologia do destino manifesto e do novo colonialismo” (OLIVEIRA; PINTO, 2017, p. 106).

Não nos é possível responder quantos missionários protestantes – principalmente dos Estados Unidos – desembarcaram na Amazônia entre o final do século XIX e o início do século XX. Provavelmente alguns nomes foram esquecidos pelos rios da Amazônia, mas é possível afirmar que inúmeros migrantes religiosos deixaram seus países de origem para passar longos períodos na Amazônia, em atividades proselitistas, quase sempre acompanhados por esposas e filhos.

Segundo indicam as pesquisas sobre o protestantismo na Amazônia, a primeira denominação a estabelecer-se na região foi a Igreja Metodista Episcopal. Como detalhamos em outros trabalhos, tanto Kidder quanto Nelson eram missionários da denominação norte-americana, e coube a Justus Nelson fundar a primeira igreja protestante em Belém, em 1883 (BEZERRA, 2023). O mesmo pode ser dito sobre Manaus, pois “o rio Amazonas também foi o caminho do protestantismo para a então província do Amazonas, no momento em que Manaus começava a experimentar um processo de modernização gerado pela receita da borracha” (BEZERRA, 2023, p. 72). Com o apoio do Reverendo Nelson, de Belém, Marcus Carver iniciou as atividades missionárias na capital amazonense, nos últimos dias de 1886. Porém, Carver deixou a Igreja Metodista Episcopal e fundou a Missão Betesda, em 1888, que no ano seguinte adota o nome definitivo de Igreja Evangélica Amazonense (CARVALHO, 2015).

Entretanto, essas duas missões pioneiras não chegaram até nós. Em Belém, com Justus Nelson, “as instabilidades geradas pela crise da borracha não permitiram a sua continuação, retornando assim ao seu país em 1925” (BEZERRA, 2023, p. 72), enquanto em Manaus, Carver deixou o país em 1908, com um sucessor brasileiro na liderança da igreja, Juvêncio Mello. As tentativas da Igreja Evangélica Amazonense em se integrar à Igreja Episcopal Anglicana no Brasil não foram frutíferas, e as dificuldades após a morte do

sucessor resultaram no seu encerramento em 1944.⁴

A imagem abaixo representa o percurso missionário no espaço demarcado nesse texto:

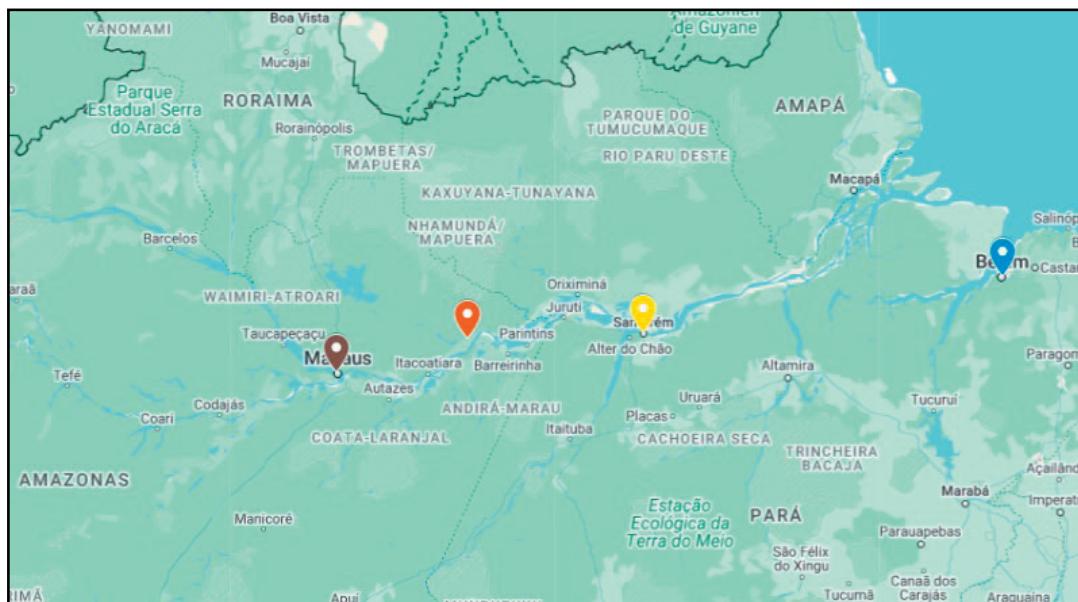


Figura 1: Mapa representativo das viagens missionárias no rio Amazonas

Fonte: Produção do autor a partir do Google Maps.

Os marcadores indicam as duas capitais, Belém, em azul, e Manaus, em marrom, bem como Santarém, em amarelo, e o marcador vermelho aponta Urucará, Amazonas, espaço de pesquisa de nossa dissertação (BEZERRA, 2022). A imagem nos permite compreender os percursos da “luz do evangelho” por esses espaços da Amazônia.

4 Apenas na segunda metade do século XX a Igreja Metodista do Brasil estabelece missões na região amazônica, começando por Altamira, Pará, em 1974. Ver: Coimbra (2017).

3 A Expansão dos Protestantes Amazônicas nas primeiras décadas do século XX

Nessa seção, continuamos com as denominações protestantes tomando o rio Amazonas como seu caminho de evangelização. Considerando a impossibilidade dessa cronologia em abranger toda a história da vertente protestante em seu estabelecimento nas principais capitais da Amazônia, recordamos que nossa delimitação são as primeiras décadas do século XX. Assim sendo, revisaremos os batistas, presbiterianos, anglicanos, adventistas e pentecostais em Belém e Manaus; contudo, sobre as duas outras igrejas tradicionalmente chamadas de “históricas”, a Congregacional e a Luterana, não possuímos dados sobre a chegada dos congregacionais ao Pará e ao Amazonas, nem se sua inserção foi trabalho de missionários estrangeiros ou nacionais. A chegada dos luteranos, por migrantes do Sul do Brasil, deu-se apenas na segunda metade do século XX.

3.1 Eurico Nelson e os Batistas no Pará e Amazonas

O sueco-americano Eric Alfred (aportuguesado para Eurico Alfredo) Nelson (1862-1939) foi o responsável pelo estabelecimento dos batistas no Pará e Amazonas. De acordo com Laranjeira (2020, p. 150), Eurico desembarcou na capital paraense em 1891 e começou a trabalhar em uma companhia de navegações, “onde improvisou um hospital e buscou ajudar os doentes de febre amarela”. Sua noiva, Ida, veio dos Estados Unidos para ajudá-lo. Em 1897, com a ajuda de Salomão Ginsburg, outro missionário norte-americano, Eurico organizou a Primeira Igreja Batista de Belém. Só “depois que Nelson foi consagrado ao ministério, a Junta de Richmond o nomeou como missionário, auxiliando-o com um salário mensal” (LARANJEIRA, 2020, p. 150).⁵

Nesse mesmo momento de transformações urbanas na virada do século, os batistas chegaram a Manaus em 1897, por meio do casal Nelson. A igreja foi organizada em outubro de 1900, tendo Eurico como primeiro pastor, e com o crescimento iniciou a construção de

5 Além de servir como uma legitimação junto ao campo religioso, é interessante que o desconhecimento ou silenciamento da história protestante na Amazônia pode permitir que a primeira igreja fundada por Nelson, agora Primeira Igreja Batista do Pará, se afirme como “a primeira igreja evangélica da Amazônia”. Ver: PIBPA (s.d.).

seu templo. Laranjeira distingue que obtiveram mais sucesso do que em Belém, talvez, por terem o apoio de um coronel local e sua família, que participaram ativamente do início da igreja.⁶

As representações do missionário e pastor Eurico apresentam-no viajando pelos interiores do Amazonas, em um barco doado por fiéis, para pregar, distribuir Bíblias e organizar igrejas, além de chegar até a Venezuela e Peru. Por isso, na historiografia eclesiástica, recebeu a alcunha de “o Apóstolo da Amazônia”: “Trabalhou para conseguir convertidos à sua crença, sempre visualizado de uma forma heroica, sem desistir, esse era o ideal batista” (LARANJEIRA, 2020, p. 150). Eurico Nelson deixou Manaus em 1906, indo pastorear a igreja de Santarém; quando voltou para Manaus, continuou dividindo seu tempo em várias partes da Amazônia, evangelizando e estabelecendo igrejas em várias cidades, pregando a indígenas. Ou seja, nunca parava: “Percebe-se a todo o momento, um discurso laudatório e apologético, apoiando tudo que Nelson usou para conseguir evangelizar na Amazônia, não importando seus meios, apenas o que resultou deles” (p. 161).

Laranjeira também assinala as práticas de culto da Primeira Igreja Batista em Manaus, como a importância do batismo, das regras da vida evangélica e da sociabilidade gestada entre os convertidos. Numa indicação do que era esperado de cada novo crente, define: “Quem escolhia se converter a uma nova vida, se tornar um cristão exemplar, precisava se comportar como tal. Para isso, a igreja sabia ou era informada da vida de cada fiel” (LARANJEIRA, 2020, p. 155). A análise da autora revela como conflitos existiam e se desdobravam dentro da própria igreja, mas “é provável que apesar dessas restrições sua ação social acabava atraindo vários fiéis” (p. 157).

Os jornais batistas, algumas das principais fontes de Laranjeira, também indicam os embates com o catolicismo e outras crenças, tanto no campo das ideias, quanto também com relatos de agressões de “idólatras” católicos, contrários aos “hereges” batistas. Entretanto, o trabalho avançou, especialmente devido à dedicação de seu grande “apóstolo”, que permaneceu como único missionário estrangeiro dos batistas na cidade.

6 Vianas Batista de Mendonça (2021), em sua história protestante do Amazonas, destaca a organização da igreja de Eurico Nelson e seu crescimento. O autor justifica o privilégio dado à Primeira Igreja Batista de Manaus, em sua obra, pela profusão de arquivos sobre esse período inicial de desenvolvimento da congregação, bem como por ser a mais antiga igreja ainda existente na capital.

3.2 Missões de presbiterianos estrangeiros e nacionais

Pantoja (2011, p. 64) sugere que as primeiras incursões presbiterianas em Belém aconteceram em 1878, quando o reverendo Blackford pregou e distribuiu Bíblias. A instalação da igreja se deu apenas na década de 1890, por meio de imigrantes nordestinos.

Além de sua força de trabalho para a borracha, os nordestinos também trouxeram o presbiterianismo para a Amazônia, pois “vários destes trabalhadores e operários já vivenciavam a fé protestante em seus lugares de origem” e passaram a constituir “a grande maioria dos membros destas novas igrejas” (SILVA, 2013, p. 95), como constatado pelos reverendos que visitavam as igrejas. Tal fato descontina como já tivera início a transmissão da nova fé também por meio da imigração de brasileiros anteriormente convertidos, especialmente do Nordeste.⁷

Os nordestinos convertidos traziam consigo a representação presbiteriana “do trabalho como vocação e realização da ética cristã”, e tal sistema de ideias os tornava “missionários leigos da ideologia protestante de modernidade, progresso, construído a partir do trabalho e de compromissos de uma ética individualizada” (SILVA, 2013, p. 96). Ou seja, os ensinos presbiterianos transformavam não somente a visão do trabalho que eles tinham, bem como enchia cada trabalhador de significados para transmitir o protestantismo e seus valores.

Assim, a Igreja Presbiteriana se expandiu pelo Pará. Em 1903, os presbiterianos enfrentaram a primeira divisão de uma denominação protestante no Brasil, como resultado da disputa de lideranças nacionais com os norte-americanos, e que teve estopim na questão maçônica. No mesmo ano, a igreja de Belém foi afetada pela crise divisória, com a disputa entre as igrejas do Brasil e Independente no campo religioso, inclusive com a reconversão de fiéis à outra expressão da mesma igreja. A Igreja Presbiteriana do Brasil na capital paraense foi oficialmente organizada em 1904, com pastores brasileiros e norte-

7 Lembremos do papel da Igreja Católica em atrair nordestinos para a região Norte, em franca colaboração com o Estado brasileiro, como discutido por Freitas (2022). Ainda que possivelmente o número de nordestinos trabalhadores da borracha já convertidos às igrejas evangélicas fosse pequeno, certamente eles fizeram parte dos primeiros alcançados pelas igrejas, especialmente pentecostais, e foram fiéis colaboradores da expansão dessas igrejas.

americanos enviados pelo Presbitério de Pernambuco, enquanto a Igreja Presbiteriana Independente foi organizada no ano seguinte (SILVA, 2013).

Na capital do Amazonas, a igreja existia antes de 1904, ano em que também foi organizada pelos reverendos Lourenço de Barros e William M. Thompson, enviados pelo Presbitério de Pernambuco (CHAGAS, 2017); Barros faleceu no ano seguinte enquanto Thompson, que já tinha ajudado na organização da igreja em Belém, passou vários anos atendendo as igrejas nos estados do Amazonas, Pará e Maranhão. Contudo, até a década de 1940, segundo Chagas, os presbiterianos de Manaus sofreram com a falta de pastores locais, sendo assistidos por ministros em viagem pela região.

3.3 A igreja dos ingleses

Em outra ocasião (BEZERRA, 2023), delineamos parte da trajetória dos metodistas episcopais em Belém e Manaus, e que apesar das tentativas dos reverendos Marcus Carver e Juvêncio Mello, a Igreja Anglicana não assumiu a pioneira Igreja Evangélica Amazonense, iniciada em 1888. Ainda que a Igreja Episcopal Anglicana do Brasil reconheça atualmente os missionários Richard Holden e Carver como parte da sua história na Amazônia (BARROS, 2006; COSTA, 2021), oficialmente seu início deu-se com o reverendo inglês Arthur Moss.

Em 1911, Arthur Miles Moss visitou o Pará e o Amazonas e se estabeleceu em Belém para construir uma capela e atender os imigrantes ingleses, erigida na área onde funcionava o cemitério britânico. O templo da Igreja Anglicana do Pará foi construído e inaugurado em 1912, sendo notícia em jornais locais “em artigos que, de uma maneira geral, refletiam o desconhecimento e o preconceito sobre o anglicanismo” (BARROS, 2006, p. 6).

Padre Moss, como era conhecido, serviu como capelão na cidade de 1912 a 1930 e nesse período “recebeu o bispo encarregado para a América do Sul em seis ocasiões, incluindo visitas também a migrantes em Manaus” (BARROS, 2006, p. 6). A conjuntura da crise da borracha prejudicou os esforços missionários anglicanos e a capela permaneceu apenas porque Moss voltou para o Brasil após sua aposentadoria e atuou como capelão honorário até 1945. Barros, escrevendo sobre a história do anglicanismo na Amazônia, adjetiva-o como “de imigração” entre o fim do século XIX e começo do XX, contando

principalmente com ingleses e imigrantes negros de Barbados, estes últimos sendo vitais para a missão, enquanto, em seu desenvolvimento, “as características caribenhas e inglesas foram sendo substituídas por uma face brasileira” (BARROS, 2006, p. 8). Atualmente, a capela que Moss iniciou, com o nome de Igreja de Santa Maria, serve como sé da Diocese Anglicana da Amazônia (COSTA, 2021).

3.4 A região mais adventista do planeta

Em 1927, os primeiros adventistas chegaram à Amazônia e realizaram viagens pelo Pará e Amazonas, a saber, o pastor norte-americano John Brown e os colportores Andrew Gedrath, escocês, e Hans G. Mayr, alemão, enviados pela denominação a partir do sudeste do país, para iniciar a Missão Baixo Amazonas, primeira unidade administrativa do Norte. Os missionários fundaram duas igrejas em Curuçá e Belém. Contudo, a história adventista reserva a Leo Blair Halliwell (1892-1967) e Jessie Halliwell (1894-1962) o pioneirismo e consolidação da Igreja Adventista do Sétimo Dia na Amazônia (TORRES NETO, 2019).

Norte-americanos, os missionários Halliwell permaneceram sete anos na Bahia, onde a enfermeira Jessie tornou-se conhecida por sua assistência a mulheres e encontrou a estranheza dos brasileiros devido ao seu protagonismo. Foram incumbidos de dirigir a nova base missionária no Norte, para onde se mudaram no início de 1929. Assinala-se no mesmo ano o primeiro batismo no Amazonas, da família Michiles e seus agregados em Maués, em cuja fazenda foi fundada a primeira igreja; os Michiles, de importância econômica e política, foram importantes para a expansão da fé adventista no interior do Amazonas, onde se destaca o papel das mulheres nesse avanço e o dos conversos entre povos indígenas, como os Sateré-Mawé (TORRES NETO, 2019).

O casal Halliwell destacou-se em seu papel civilizatório pela imensidão amazônica. A partir de 1931, viajaram na lancha Luzeiro I, projetada pelo pastor Leo e construída com doações dos Estados Unidos, levando assistência médica e a evangelização adventista. Assistiram e medicaram pessoas com diversas enfermidades por cidades e localidades ribeirinhas; ensinaram sobre higiene, saúde, alimentação; construíram igrejas, escolas e clínicas médicas (TORRES NETO, 2019).

Em 1958, quando o Almirante Leo, como ficou conhecido, e Jessie Halliwell entregaram a direção do Projeto Luzeiro, já eram várias lanchas médico-missionárias em ação, com a cooperação de empresários, governos e entidades, atendendo cerca de 250 mil pessoas. Naquele ano, foram condecorados com a Comenda da Ordem do Cruzeiro do Sul, em reconhecimento do governo brasileiro por seus 37 anos de missão no país; são os únicos protestantes agraciados com a comenda, bem como a Sra. Halliwell também foi a primeira mulher a receber a distinção (TORRES NETO, 2019).

Nos escritos do Pastor Leo se reconhece que o missionário foi também convertido pela Amazônia, reconfigurando seus pensamentos e práticas diante dos mistérios da região – nas palavras de Torres Neto (2019, p. 141), se percebe como “o espírito da Amazônia se amalgama no modus vivendis do missionário na Amazônia e não o desencanta, mas o reencanta”. Como parte do legado dos Halliwell, o Amazonas se transformou no estado com mais adventistas no país mais adventista do planeta.

3.5 O avanço imparável dos pentecostais

O grande crescimento dos evangélicos no Brasil é principalmente atribuído ao pentecostalismo, cuja principal gênese são as Assembleias de Deus, nascidas em Belém do Pará. Assim, se por um lado diversas denominações protestantes estabeleceram missões no Norte do Brasil, por outro, a região foi o estopim do principal movimento evangélico do século (PANTOJA, 2011).

As memórias construídas sobre o pentecostalismo afirmam que a “direção divina” fez a Assembleia de Deus surgir em Belém, em 1911 (ARAÚJO, 2007). Gunnar Vingren e Daniel Berg, suecos batistas que se tornaram pentecostais nos Estados Unidos, chegaram ao Pará em 1910, juntando-se à igreja batista local, onde começaram a pregar a novidade do pentecostalismo. Quando os primeiros crentes começaram a “falar em outras línguas”, os missionários foram excluídos da igreja e iniciaram a Missão da Fé Apostólica, que em 1918 adotou oficialmente seu atual nome, e cresceu a ponto de se tornar a maior denominação evangélica do Brasil (ALENCAR, 2012; FAJARDO, 2015; SANTOS, 2022).

Contudo, há “coincidências” nessa trajetória que precisam ser pensadas. Gonçalves (2014) traça conexões entre Eurico Nelson, Gunnar Vingren e Daniel Berg: suecos imigrantes

nos Estados Unidos; batistas; missionários que asseveraram uma chamada para o Brasil; e mantendo alguma ligação com a Primeira Igreja Batista em Belém do Pará.⁸ Assinala-se que as duas igrejas “reivindicam, o que é natural como fenômeno espiritual, à **direção divina** para a origem e implantação dessas igrejas em território paraense”. Porém, esse passado em comum não é mencionado, tencionando assim serem “exclusivas. Cada uma trabalha com o seu ‘mito fundador’ como algo **original** e plenamente divino” (GONÇALVES, 2014, p. 2, grifos do autor).

Os fundadores dos batistas e pentecostais “são dotados de uma experiência religiosa e, a partir dela, tiveram a **direção divina** para Belém do Pará”. Nos relatos das igrejas, eles “tiveram uma experiência de **revelação** da parte de Deus”, e é nesse sobrenatural que encontram respaldo e explicam o sucesso de suas empreitadas, ainda que marcadas por lutas e conflitos (GONÇALVES, 2014, p. 3, grifos do autor).

A principal “coincidência” das trajetórias dos fundadores, a direção sobrenatural para se mudarem para Belém, segue outras possibilidades. O contexto das transformações geradas pelo ciclo da borracha fez a capital paraense ser conhecida nos Estados Unidos “como uma cidade promissora economicamente que mantinha uma **elite social** bem abastada em termos culturais e uma política favorável à imigração” (GONÇALVES, 2014, p. 8, grifo do autor).⁹ Ou seja, “Belém do Pará era, consideravelmente, conhecida pelos pioneiros das duas expressivas igrejas em terras amazônicas”, já que em Chicago, onde residiam, “o nome Belém do Pará era conhecido por conta da sua economia borracheira. Sendo assim, é improvável que os missionários suecos nunca tenham ouvido falar de **Belém do Pará** ou apenas **Pará**” (p. 9, grifos do autor).

Gonçalves afirma que Chicago era um polo conhecido da imigração sueca, além de uma forte indústria da borracha, como também era um centro doutrinário e missionário do nascente pentecostalismo. Por isso, o autor atenta à importância de Chicago para as trajetórias de Nelson, Vingren e Berg e a imigração para o Brasil. Conforme Gonçalves,

8 Rodrigues e Moraes Júnior (2018) também destacam a base norte-americana e sueca do protestantismo-pentecostalismo amazônico. Em Araújo (2007), obra eclesiástica que traça trajetórias de lideranças e igrejas pentecostais, verifica-se o forte papel das doutrinas e missionários norte-americanos para este movimento no Brasil.

9 Segundo Benchimol (2009, p. 303), entre 1908-1911, 564 norte-americanos aportaram em Belém.

quando Vingren e Berg chegaram ao Brasil, já que eram batistas, foram encaminhados por Justus Nelson para a igreja fundada por Eurico. Alencar (2012) registra que Vingren havia conhecido Justus nos Estados Unidos e que o pastor metodista se surpreendeu ao encontrar o sueco em Belém. E quanto aos contatos com Eurico Nelson? Além de Vingren e Eurico terem estudado no mesmo seminário, os escritos do sueco pentecostal indicam que eles conversaram em alguma ocasião, ainda que não identifique se nos Estados Unidos ou no Brasil. Ao fim, "Seria possível que esses suecos já tivessem se encontrado nos EUA, e nunca falado sobre o Brasil? Isso anularia a revelação que fez com que eles tivessem vindo ao Pará? Não necessariamente, apenas explica o mito fundante" (ALENCAR, 2012, p. 47).

As memórias institucionais não mencionam a fama internacional de Belém naquele momento histórico, pois lidam com a lógica da revelação divina para seus fundadores. Assim, "antes da reivindicação de **direção divina**, há elementos sociais que permeiam qualquer grupo de pessoas. Por mais que a **iluminação de Deus** seja o elemento fundante do grupo religioso, há um contexto social definido que favorece o surgimento do movimento" (GONÇALVES, 2014, p. 13, grifos do autor). Tal é o caso das igrejas Batista e Assembleia de Deus em Belém. Se a insistência na providência divina é natural na justificativa da criação dos grupos religiosos, os demais fatores não podem ser ignorados.

No contexto da fixação dos protestantes nas capitais Belém e Manaus e da expansão do pentecostalismo, Fanuel Santos aponta:

As primeiras cidades brasileiras alcançadas pela mensagem do novo fenômeno religioso, foram as do interior do norte e nordeste brasileiro, extratores de borracha iletrados, voltavam ao convívio familiar levando na bagagem uma nova maneira de ser cristão, chegando a Manaus em 1917, e posteriormente com a migração dos adeptos, chega aos estados do sul e sudeste (SANTOS, 2022, p. 17-18).

Por isso, não tardou para os convertidos do pentecostalismo no Pará atravessarem o rio a fim de levar a nova expressão do cristianismo para Manaus. Santos (2022, p. 179) aponta que "a missão de evangelizar, a exemplo dos fundadores do movimento, vem da visão dada por Deus, a capacitação não é um fator preponderante para ir ao 'campo', por isso a utilização de leigos na direção dos trabalhos", logo "[a] informalidade foi um

grande aliado na expansão do pentecostalismo no Amazonas” (p. 180). Segundo o autor, isso aconteceu com Severino Moreno da Silva, o qual

iniciou os trabalhos da Igreja, porém não era Pastor, e nem fora enviado pela Igreja de Belém, segundo a historiografia oficial da Assembleia de Deus no Amazonas, seu trabalho prosperou e ele mesmo entra em contato com Belém pedindo o envio de um Pastor, o sueco Samuel Nynstrom (SANTOS, 2022, p. 180).

Antes mesmo de completar dez anos de fundação, a Assembleia de Deus no Amazonas já crescia, com novos convertidos, crentes de outras denominações e começando a se estabelecer pelo interior. Tal apontamento lembra que se a fase da inserção protestante no Pará e Amazonas se deu através de estrangeiros, eles foram aos poucos suplantados pelos missionários e líderes nacionais, que não necessitavam de aprovação de denominações estrangeiras – ou mesmo as nacionais – para se lançar aos rios na prática evangelizadora.

Partindo do comentário de Santos sobre a relação economia da borracha-pentecostalismo, já que o fausto da borracha não durou para sempre, Reis assinala que “a partir daí que o rosto evangélico ficará mais robusto com o desenvolvimento pentecostal” (REIS, 2016, p. 78). O autor discorre sobre esse “outro protagonismo identitário evangélico”, os quais “fizeram uma espécie de **evangelismo caboclo**, reinventando as suas próprias encantarias, visagens e pajelanças como linguagem simbólica fundamental do povo paraense médio, seja da capital, mas principalmente, do interior”. Nessa “miríade de expressões culturais extremamente fluidas e plurais no campo religioso” amazônico, Reis procura “construir a categoria **evangélico encantado** como chave de compreensão dos processos de traduções identitárias pelas quais as várias faces evangélicas no Pará ativam para a construção de sentido de suas representações discursivas” (REIS, 2016, p. 79, grifos do autor).¹⁰

10 Rodrigues e Moraes Júnior (2018) usam o termo “pentecostalismo caboclo”. Estes discutem o processo de pentecostalização dos povos tradicionais da Amazônia, especialmente indígenas e também notam as ressignificações religiosas feitas por essas populações. Comentando sobre o nascimento e crescimento das Assembleias de Deus, Gaia e Reis (2019) escrevem: “uma vez que utilizava de misticismo em seus cultos (vistos como milagres frutos da ação do Espírito Santo), conquistou maior sucesso na região já acostumada a práticas místicas de origem indígenas que se mesclavam com o catolicismo popular.” Ver: Souza e Dias (2020) e sua discussão do pentecostalismo ribeirinho como mais popular que institucional.

Não seguimos aqui a proposta de Reis de compreender como os evangélicos ressignificam as tradições orais e reencantam os escritos religiosos, mas somos levados a refletir sobre um pilar dos protestantismos, a conversão, que implica uma transformação de vida. Gaia e Reis (2019) discorrem que “com enorme penetração na sociedade, através do pentecostalismo, e influência política e econômica; o protestantismo vai aos poucos estabelecendo novas formas de viver o mundo amazônico”. Sendo assim, os amazônidas, em sua particular configuração e interpretação do mundo, podem ressignificar seus conhecimentos e vivências após tornarem-se “crentes”.

4 Cristo apontou para a Amazônia com Católicos e Protestantes

Enquanto as diversas denominações protestantes, evangélicas e pentecostais se estabeleceram na Amazônia brasileira, a Igreja Católica seguiu em seu processo de novas territorialidades, com a difusão de prelazias e dioceses (CÔRREA, 2007). Apesar de suas estratégias, os cristãos não-católicos continuaram a crescer. E muito.

Apesar do retrospecto analisado neste artigo sobre as primeiras igrejas registradas no avanço protestante em Belém e Manaus, é preciso demarcar que a transformação da Amazônia brasileira em “**palco capital** de concentração protestante do país” (Senhoras, Santos e Cruz, 2016, p. 143, grifo dos autores) não foi um processo uniforme. Tampouco foi fácil para os líderes e fiéis das mais diversas igrejas superar os desafios da hegemonia exercida pela Igreja Católica Apostólica Romana.

Então, como a Região Norte transformou-se no “território com maior crescimento relativo do grupo de evangélicos” (ALVES *et al.*, 2017, p. 225)? Esse crescimento teve a colaboração da “crescente integração nacional das interações, em especial com a incorporação das regiões norte e centro-oeste nos fluxos socioeconômicos, o que acabou repercutindo na própria expansão de missionários e igrejas protestantes” (Senhoras, Santos e Cruz, 2016, p. 140). Segundo estes autores, para compreender os destinos da expansão religiosa, especialmente de pentecostais e neopentecostais, é necessário pensar também

as dinâmicas do crescimento do Brasil; assim, percebem essa correlação inicialmente nas grandes e médias cidades, espalhando-se pelo país.

Sobre as configurações do protestantismo na região, Senhoras, Santos e Cruz (2016, p. 143, grifos dos autores) escrevem que, apesar da baixa densidade populacional, a Amazônia Legal brasileira “tornou-se **palco capital** de concentração protestante do país juntamente do **palco principal** de elevado adensamento populacional da região sudeste e das cidades médias e grandes”. Ainda:

A dinâmica expansiva do protestantismo na Amazônia Legal deve ser compreendida a partir da atuação de distintos movimentos e denominações em um vasto território que se tornou em um verdadeiro campo relacional de poder eclesiástico multirecortado por forças que se manifestam, tanto, pela divergência de estratégias, doutrinas e formato organizacionais, quanto, pela convergência de atores chave na expansão que são o fiel, o pastor-evangelista, e o missionário (SENHORAS; SANTOS; CRUZ, 2016, p 143).

Senhoras, Santos e Cruz (2016, p 144) reconhecem que “existem várias Amazônias com especificidades próprias que são exploradas distintamente por diferentes denominações protestantes”. Identificando padrões distintos, subdividem a região em *Amazônia Ocidental Protestante* e *Amazônia Oriental Protestante*. Na primeira, a parte *Ocidental*,

os estados do Acre, Amazonas, Rondônia e Roraima, apresentam os indicadores mais positivos e fortemente concentradores da difusão do protestantismo, com um percentual acima de 30% da população total e com destaque na difusão de redes missionárias e templos em comunidades indígenas dado o elevado número de Terras Indígenas nestes estados (SENHORAS; SANTOS; CRUZ, 2016, p. 145).

Já na segunda parte, *Oriental*,

os estados Pará, Maranhão, Amapá, Tocantins e Mato Grosso apresentam indicadores cindidos entre o polo de baixa concentração protestante no estado nortes-tino do Maranhão, com consolidada tradição católica e média concentração, e o polo de alta concentração protestante dos estados do Pará, Maranhão, Amapá, Tocantins e Mato Grosso com um percentual entre 20% e 30% da população total (SENHORAS; SANTOS; CRUZ, 2016, p. 145).

Embora a região Norte seja a segunda menos populosa do país, é cada vez mais relevante nesse campo religioso com “forças eclesiásticas que ora divergem e ora convergem na sua difusão territorial, tornando-se não apenas lócus de redes protestantes exógenas, mas também plataforma dinâmica de difusão de influência nacional e internacional” (SENHORAS; SANTOS; CRUZ, 2016, p. 147).

Mesmo com o avançar das décadas, o empenho da Igreja Católica não arrefeceu, em garantir a hegemonia das doutrinas do cristianismo estabelecida por Roma, como nos fiéis do Médio e Baixo Amazonas (CAMPOS, 1995; RIBEIRO, 2003; CERQUA, 2009; SILVA, 2018; BEZERRA, 2022), região principal da nossa pesquisa. Na segunda parte do século XX, seguindo o Concílio Vaticano II, a Igreja assumiu maior interesse em sua ação pastoral na Amazônia, fundamentada na perspectiva papal de que “Cristo aponta para a Amazônia” (MATA, 2007; LIMA, 2024). Isso pode ser observado a partir da criação de prelazias e dioceses, chegada de novos missionários estrangeiros, entre outras estratégias externas e internas.

Ainda que se reconheça a importância da Amazônia para a Igreja Católica e a ação religiosa e social da igreja brasileira,

o catolicismo nunca colocou as questões amazônicas como prioritárias em suas atividades em nível internacional. O catolicismo amazônico sempre foi visto pela própria Igreja como área subalterna, excluída e inferior, não requerendo maiores investimentos ou atenção para atividades evangelísticas (SILVEIRA; REIS; ALMEIDA, 2019, p. 670-671).

Ou seja, mesmo com o avanço das pastorais, comunidades e religiosos no pós-Vaticano II, a instituição e sua hierarquia não fizeram tanto quanto a extensa Amazônia precisava para garantir a hegemonia católica. Isso também ajuda a explicar o avanço protestante, perspectiva que é adotada até mesmo por bispos amazônidas. Essa situação só parece sofrer nova alteração após a eleição de Francisco e a realização de seu Sínodo da Amazônia (SILVEIRA; REIS; ALMEIDA, 2019; LIMA, 2024).¹¹

No encerrar desta discussão, o que não podemos negar é que

As Igrejas Evangélicas podem ser encontradas em todos os lugares do Estado. Ao navegar pelos rios da região é visível a sua presença, as quais dividem espaço com a Igreja Católica. Ambas estruturadas com templos, liturgias, datas festivas e formação eclesiástica. [...] Estas influenciaram na formação da vida religiosa dos amazonenses no que tange à sua “identidade cristã”, a qual se exprime em estilos de vida, conduta, costumes, valores e princípios que têm influenciado na arte, na linguagem, na música, na educação, na vida familiar, na política local, nas tomadas de decisões, na elaboração de leis e nos usos e costumes de todo amazonense (OLIVEIRA, 2012, p. 39).

Logo, diante dessas realidades – e dos números – a presença protestante, evangélica, pentecostal, neopentecostal, ou qualquer outro nome que ganhem, não pode ser escondida; antes, é celebrada por seus fiéis como um avivamento que estaria transformando a Amazônia (OLIVEIRA; RODRIGUES, 2022). Um avivamento de milhares de igrejas e milhares de convertidos, em que “os templos evangélicos são a ponta de lança da ‘guerra de movimento’ e mostram como o processo de avanço da transição religiosa

11 Contudo, as comunidades católicas estão em constante movimento e mesmo em crescimento, em uma “relação entre as novas formas de ser e agir de uma catolicidade moderna, emergente, e aquelas tradicionais representadas pela hierarquia eclesiástica” (LOPES; MIRANDA, 2016, p. 99).

está ocorrendo” (ALVES, 2024).¹² Vale mencionar que as religiosidades mais tradicionais dos amazônicas, dos catolicismos às pajelanças, não morreram. Mesmo com o intenso proselitismo evangélico, elas subsistem. Convivem nesse imenso território.

5 Considerações Finais

Neste artigo e em anterior (BEZERRA, 2023), traçamos parte do caminho do protestantismo na Amazônia desde o século XIX. Desde o primeiro culto em 1839 e a primeira igreja em 1883, em meio às transformações pelas quais passaram o Brasil e a Amazônia, inúmeros missionários, pastores e fiéis, estrangeiros e brasileiros, têm atravessado as águas dos rios da região Norte para levar a “luz do Evangelho” em cada parte desse imenso território. Trouxemos nessa revisão bibliográfica o sucesso do estabelecimento de metodistas, batistas, presbiterianos, anglicanos, adventistas e pentecostais na Amazônia brasileira, especialmente nas capitais de Pará e Amazonas. Como resultado desses sujeitos históricos, a Região Norte alcança algumas das maiores porcentagens de população evangélica do país.

Essa forte presença evangélica está sendo cada vez mais notada por pesquisadores, especialmente os da própria região. Assim, no decorrer da última década, houve um desenvolvimento nos estudos sobre as religiões e religiosidades na Amazônia, realizados nas universidades de estados como Amazonas, Pará e Amapá, como alguns dos trabalhos aqui citados, os quais demonstram o interesse nas múltiplas expressões de fé da população amazônica. Contudo, chamamos atenção para o fato de que a maioria das investigações sobre os cristianismos na Amazônia envolve os catolicismos e quando chega nos protestantes, detém-se nos primeiros missionários ou pula para os pentecostais mais próximos. Logo, existem lacunas tão grande quanto o rio Amazonas a serem desbravadas no conhecimento sobre protestantes, evangélicos e pentecostais ao longo do século XX

12 Conforme os dados mais recentes, proporcionalmente, a Região Norte é a que mais tem estabelecimentos religiosos por habitantes. Como aponta Alves, ainda não é possível cruzar os dados de estabelecimentos e de filiações religiosas; entretanto, “podemos inferir que a maioria destes 580 mil estabelecimentos religiosos são evangélicos e que o avanço que estava muito concentrado na região Sudeste, tem ocorrido de forma muito rápida na região Norte”.

nos mais diversos espaços da Amazônia brasileira – mesmo no nosso recorte, entre Belém e Manaus, quanto mais não há a se conhecer?

Certamente os missionários aqui apresentados não são os únicos que se aventuraram na missão de pregar o Evangelho pelos rios da região Norte entre Belém e Manaus, portanto, há muito a ser escrito sobre esses desconhecidos pregadores. No despertar desse tema e de investigações, muitos sujeitos virão a sair das memórias escondidas pelos rios e ajudar na compreensão dos processos históricos do protestantismo na Amazônia.

6 Referências

ALENCAR, Gedeon Freire. *Assembleias Brasileiras de Deus: teorização, história e tipologia – 1911- 2011*. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

ALVES, José Eustáquio. Católicos versus Evangélicos no Brasil: “guerra de posição” x “guerra de movimento”. *EcoDebate*, 19 fev. 2024. Disponível em: <https://www.ecodebate.com.br/2024/02/19/catolicos-versus-evangelicos-no-brasil-guerra-de-posicao-x-guerra-de-movimento/>. Acesso em: 31 jul. 2024.

ALVES, José Eustáquio; CAVENAGHI, Suzana; BARROS, Luiz Felipe; CARVALHO, Angelita A. de. Distribuição espacial da transição religiosa no Brasil. *Tempo Social*, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 215-242, maio/ago. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ts/v29n2/1809-4554-ts-29-02-0010.pdf>. Acesso em: 19 set. 2020.

ARAÚJO, Isael de. *Dicionário do Movimento Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

BARROS, Rev. Saulo Maurício de. *História do Anglicanismo na Amazônia*. Centro de Estudos Anglicanos, 2006, p. 1-16. Disponível em http://www.centroestudosanglicanos.com.br/bancodetextos/historiadaigreja/hist_anglicanismo_amazonia_saulo.pdf. Acesso em: 17 ago. 2020.

BENCHIMOL, Samuel. *Amazônia: formação social e cultural*. 3. ed. Manaus: Editora Valer, 2009.

BEZERRA, César Aquino. A Salvação chega pelas águas: o protestantismo em Belém e Manaus no século XIX. *Outros Tempos*, v. 20, n. 36, p. 62-83, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.18817/ot.v20i36.1071>. Acesso em: 10 abr. 2024.

BEZERRA, César Aquino. *Entre a Pensilvânia e o Amazonas: a trajetória do missionário Clinton Benjamin Thomas, a inserção protestante na Amazônia e a Igreja de Cristo em Urucará (1954-1970)*. 2022. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2022.

CAMPOS, Pe. Manuel do Carmo. A decadência do catolicismo popular na região parintinense (1955-1975). *Revista de Cultura Teológica*, n. 12, p. 109-117, jul./set. 1995. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/14218>. Acesso em: 19 dez. 2018.

CARDOSO, Antonio Alexandre Isidio. *O Eldorado dos Deserdados: indígenas, escravos, migrantes, fugitivos e a expansão rumo ao oeste amazônico. (1850-1880)*. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

CARVALHO, Sandro Amorim de. *O povo do livro: uma história da inserção do protestantismo em Manaus (1888-1944)*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2015.

CERQUA, Dom Arcângelo. *Clarões de fé no Médio Amazonas*. 2^a ed. Manaus: ProGraf -Gráfica e Editora, 2009.

CHAGAS, José Pedro. "A inserção da Igreja Presbiteriana em Manaus". *Anais da Faculdade Boas Novas*, 1 (1), p. 17-23, 2017. Disponível em: <http://anais.fbnovas.edu.br/index.php/anaisfbn/article/view/3>. Acesso em: 10 maio 2021.

COIMBRA, Pr. João. Anunciei o evangelho na Amazônia. *Expositor Cristão*, maio 2017. Disponível em: <https://www.expositorcristao.com.br/anunciei-o-evangelho-na-amazonia>. Acesso em: 13 out. 2023.

CÔRREA, Márcio Ferreira Nery. Territorialidade católica na Amazônia: um exercício de periodização. *Espaço e Cultura*, n. 21, p. 31-49, jan. 2007. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/3500/2428>. Acesso em: 06 jan. 2023.

COSTA, Rafael Vilaça Epifani. "Unidade na diversidade, unidade na adversidade": a Igreja Episcopal Anglicana do Brasil e as múltiplas identidades do Anglicanismo no século XXI. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) - Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2021. DIAS, Edinea Mascarenhas. *A ilusão do fausto* –Manaus: 1890-1920. Manaus: Editora Valer, 1999.

FAJARDO, Maxwell Pinheiro. "Onde a luta se travar": a expansão das Assembleias de Deus no Brasil Urbano (1946-1980). Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2015.

FREITAS, Norma Sueli Semião. "O que seria um corpo sem alma?": Estado e Igreja no recrutamento de trabalhadores do Ceará para a Amazônia (1942-1945). *Clio*, v. 40, p. 162-181, jan./jun. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaclio/article/view/249696/40779>. Acesso em: 14 mar. 2023.

GAIA, João Vinicius Marques; REIS, Marcos Vinicius de Freitas. "Presença dos Evangélicos na Amazônia". *Revista Senso*, (13), nov./dez. 2019. Disponível em: <https://revistasenso.com.br/2019/11/26/presenca-dos-evangelicos-na-amazonia/>. Acesso em: 11 dez. 2019.

GONÇALVES, Alonso de Souza. "Coincidências de uma direção divina: a relação entre os missionários E. Nelson, G. Vingren e D. Berg e a origem da Missão da Fé Apostólica em Belém do Pará". *Theós*, 1, p. 1-14, 2014. Disponível em: <https://silo.tips/download/coincidencias-de-uma-direao-divina>. Acesso em: 20 set. 2020.

LARANJEIRA, Rhaisa Christie Graziella de Souza. Primeiros passos dos batistas em Manaus no início do século XX. *Manduarisawa*, v. 4, n. 2, p. 148-164, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/manduarisawa/article/view/8305>. Acesso em: 22 out. 2022.

LIMA, Francisco Andrade de. *Os caminhos da Igreja Católica na Amazônia: de Santarém ao Sínodo para a Amazônia (1972 a 2022)*. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2024.

LINK, Rogério Sávio. *Vivendo entre mundos: o povo Apurinã e a última fronteira do Estado brasileiro nos séculos XIX e XX*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

LOPES, Robson Wander C.; MIRANDA, Tânia N. O. Novas comunidades católicas: entre a tradição e a modernidade. *Revista Terceira Margem Amazônica*, v. 2, n. 6, p. 99-114, jan./jul. 2016. Disponível em: <https://www.revistaterceiramargem.com/index.php/terceiramargem/article/view/103>. Acesso em: 05 abr. 2023.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. *Cultura Amazônica: uma poética do imaginário*. 4. ed. Belém, PA: Cultural Brasil, 2015.

MATA, Pe. Raimundo Possidônio Carrera da. A Igreja e sua missão na Amazônia. *Encontros Teológicos*, ano 22, n. 46, p. 19-28, 2007. Disponível em: <https://facasc.emnuvens.com.br/ret/article/viewFile/356/343>. Acesso em: 26 set. 2019.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas. *Revista USP*, n. 67, p. 48-67, set./nov. 2005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13455>. Acesso em: 8 mar. 2019.

MENDONÇA, Vanias Batista de. *Pioneiros protestantes no Amazonas*. Rio de Janeiro: Prazer da Palavra, 2021.

OLIVEIRA, Liliane Costa de. *Vida religiosa ribeirinha: um estudo sobre a Igreja Católica e Evangélica no Amazonas*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2012.

OLIVEIRA, Liliane Costa de; PINTO, Marilina Conceição Oliveira Bessa Serra. Os primeiros passos do Protestantismo na Amazônia. *Estudos de Religião*, v. 31, n. 2, p. 101-125, maio/ago. 2017. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/article/view/7103>. Acesso em: 18 dez. 2018.

OLIVEIRA, Liliane Costa de; RODRIGUES, Donizete. Amazônia, terra do avivamento religioso: o caso do pentecostalismo. *Novos Rumos Sociológicos*, v. 10, n. 17, p. 112-133, jan./jul. 2022. Disponível: <https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/sociologicos/article/view/2205>. Acesso em: 6 jan. 2023.

PANTOJA, Vanda. *Santos e Espírito Santo, ou católicos e evangélicos na Amazônia Marajoara*. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2011.

PIBPA. Sobre Nós. *Primeira Igreja Batista do Pará*. Disponível em: <https://pibpa.org.br/sobre-nos/>. Acesso em: 20 set. 2020.

REIS, Arthur Cézar Ferreira. *A conquista espiritual da Amazônia*. São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas, 1942.

REIS, Gustavo Soldati. Evangélicos na Amazônia paraense: Identidade entre as representações da palavra escrita e imaginada. *Observatório da Religião*, v. 3, n. 1, 2016. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/Religiao/article/view/1134>. Acesso em: 18 ago. 2020.

RIBEIRO, Sylvia Aranha de Oliveira. "E Deus visitou seu povo": história do povo de Deus em Itacoatiara. Manaus: EDUA, 2003.

RODRIGUES, Donizete; MORAES JÚNIOR, Manoel Ribeiro de. A pentecostalização de povos tradicionais na Amazônia: aspectos conceituais para uma antropologia de identidades religiosas. *Horizonte*, v. 16, n. 50, p. 900-918, maio/ago. 2018. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2018v16n50p900>. Acesso em: 25 set. 2020.

SANTOS, Fanuel. "Do Senhor é a terra": uma análise sobre o retorno das denominações pentecostais nas ocupações de terras em Manaus. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2022.

SARGES, Maria de Nazaré. *Belém: riquezas produzindo a belle-époque, 1870-1912*. Belém: Paka-Tatu, 2000.

SENHORAS, Eloi Martins; SANTOS, Alexandre Felipe Pinho dos; CRUZ, Ariane Raquel Almeida de Souza. Expansão do protestantismo no Brasil e suas configurações na Amazônia Legal. *Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião*, ano 18, n. 25, p. 136-149, dez. 2016. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/csr/article/view/12572>. Acesso em: 26 set. 2019.

SILVA, Cláudio Lísias G. dos Reis. "Ganhar almas para Cristo" e as relações de poder: a propaganda proselitista protestante em Belém do Pará (1890-1912). Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Universidade do Estado do Pará, Belém, 2013.

SILVA, Elizete da; SANTOS, Lyndon de Araújo; ALMEIDA, Vasni de (org.). "Fiel é a Palavra": leituras históricas dos evangélicos protestantes no Brasil. Feira de Santana: UEFS Editora, 2011.

SILVA, Francisco Gomes da. *Cronologia Eclesiástica de Itacoatiara*. Manaus: Gráfica Ziló, 2018.

SILVEIRA, Emerson José Sena da; REIS, Marcus Vinicius de Freitas; ALMEIDA, Fábio Py Murta de. O Sínodo da Amazônia e os dilemas do catolicismo. *Rev. Pistis Prax., Teol. Pastor.*, v. 11, n. 3, p. 669-691, set./dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/pistispraxis/article/view/25721>. Acesso em: 2 fev 2021.

SOUZA, Carlos Antônio Braga de; DIAS, José Augusto Oliveira. Pentecostalismo ribeirinho: tendências, adaptações e cosmovisões de uma religiosidade popular amazônica. *Religare*, v. 17, n. 2, p. 354-379, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/religare/article/view/51624>. Acesso em: 26 mar. 2023.



TORRES NETO, Diogo Gonzaga. *A Ética Protestante e o Espírito da Amazônia: Os escritos, pensamento e a obra missionária adventista de Leo B. Halliwell. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2019.*

Submetido em 02/08/2024

Aprovado em 23/05/2025

